



BLAISE, ABOUA K.K.B. et all (Org). EPISTEMOLOGIAS AFRICANAS: Percepções, tradições orais e produção de conhecimento. 1ª Edição. Ancestre / Kulera, 255 p. ARACAJU-MAPUTO.

Lucas Scaravelli da Silva¹

Diria Belchior em uma de suas canções “*É caminhando que se faz o caminho...*”², e é assim que prosseguimos ao se contar 137 anos de abolição da escravidão³ (ou apenas o ato simbólico) e 136 anos da Proclamação da República, o que denota sermos umas das nações mais novas na história mundial, no que se trata de constituição estrutural de uma pátria e suas simbologias. E nossa história, ao contrário do que o lusotropicalismo e o intermitente mito da democracia racial tentou – e vêm ainda buscando impor nos revisionismos históricos, no anticientificismo, na ascensão conservadora dos costumes e modos culturais e políticos – impor a ideia de harmonia racial e cultural, ainda colhemos os frutos de uma colonização forçosa e violenta, e nos dizeres da filósofa Sueli Carneiro, um verdadeiro epistemicídio.

O Brasil é um país negro, é uma afirmação sincera e real, está nos dados estatísticos, está nas ocupações geográficas e regionais deste imenso país, a miscigenação racial é um acontecimento do período colonial deste país, um período que durou quase quatrocentos anos e deixou marcas de muita dor, apagamento de memória e exclusão social. Ser negro no Brasil infelizmente significa não ter informações sobre a ascendência direta de sua família, ou seja, muitas vezes o negro só conhece a sua mãe, não sabem quem são o pai, os avós e os bisavós.

Isto é um sinal de que não somos proprietários diretos do nosso próprio patrimônio e que agora nos guiamos pela história da vida branca e da colonização europeia, ou seja, que a Europa é a nossa referência imediata para a estética visual, a literatura, o pensamento filosófico e a construção social.

¹ Professor na Faculdade Sesi de Educação, Doutor em Antropologia Social (USP), Cofundador do Coletivo A Tradição Viva – Amadou Hampâté Bâ.

² Faz parte da canção ‘Brincando com a vida’ de 1978.

³ Aqui intencionamos colocar em minúsculo o ato histórico da abolição do processo de escravagismo no Brasil, porque como esta resenha por si mesma tenta indicar, os ecos da escravidão ainda ressoam na construção identitária e socioideológica do país, desestruturando relações.



Ler Amadou Hampatê Bâ, ou melhor, ler ouvindo, sobre a tradição oral, a ancestralidade e os valores e costumes das sociedades africanas, é a medida exata da possibilidade de construção de um passado através dos vestígios da nossa Mãe África, portanto, que possamos ter um futuro orgulhoso e, quem sabe, digno.

Nossa nação (brasileira) se constituiu nesses 5 séculos, sob o sangue dos nativos originários indígenas, num extermínio comparado aos genocídios que temos assistidos com diversas etnias ao longo da história, fazendo com que as populações indígenas tenham diminuído consideravelmente em número populacional e de quantitativo de etnias.

Mas temos alguma coisa suspensa no ar que se respira nesse país, contra o planejamento assassino dos colonizadores, e suas ideias higienistas, eugênicas e militares. A ideia original da colônia era eliminar a existência que não correspondesse ao padrão central, ou seja, europeu, homem, branco e heterossexual.

Como divergência de costumes culturais, modos de vida, e cosmo percepção, os povos originários representavam a animalidade, o grotesco, o anticristianismo, a barbárie e a selvageria. Sempre colocados em contraposição ao colonialismo que significava, família, tradição, propriedade, Jesus Cristo como salvador e os bons costumes europeus.

Esse tipo de disseminação de ideias, de um selvagem contra um representante do Deus cristão, auxiliou ao extermínio desenfreado dessas populações e da demonização de seus saberes e costumes tradicionais, seja desde a culinária, a vestimenta, a fé religiosa, o modo de habitar, os modos de relacionamento individual e coletivo, e inclusive a estética visual. Estava selada assim a intenção de aniquilar as culturas diametralmente opostas.

Não somente os povos indígenas e verdadeiros donos dessa terra chamada Brasil e muitas outras, mas também os africanos escravizados vindos numa longa diáspora, para trabalhar forçosamente em uma colonização de plantation, sendo assim os negros africanos a espinha dorsal da colonização no Brasil. Tal qual os indígenas tiveram a construção ideológica dos colonizadores para seu revés, demonizando seus costumes e tradições, colocando-os em um patamar de sub-humanidade.



Mesmo com a abolição da escravidão no país que ocorreu no dia 13 de maio de 1988, não cessaram as questões que importunavam e não davam dignidade para um status de humanidade para essas populações. O reinado monárquico da colônia chega ao fim, dá-se início para o novo século uma república Federativa do Brasil, uma industrialização tardia, que troca a mão de obra escravizada dos africanos e seus descendentes pela mão de obra imigrante dos europeus fugidos da primeira guerra mundial, que irão ocupar as plantações e espaços rurais e industriais numa relação precarizada de trabalho porém com muito mais dignidade e respeito que os africanos, indígenas e seus descendentes, chegando até ganharam partes de terra para moradia e plantação própria.

Os africanos, indígenas e seus descendentes continuam no novo século, a viverem sobre a subculturalização de seus costumes, tendo sido proibido qualquer manifestação religiosa e/ou cultural vinda de África ou dos povos originários.

Assim repercutindo negativamente para todas as futuras gerações vindouras, inclusive ainda tendo impacto negativo nos tempos atuais, sendo necessário nesse país á partir de 2002 criar-se políticas públicas que priorizam e obrigam o acesso e inclusão dessa população nas instituições públicas de ensino, no mercado de trabalho e que as instituições educacionais obrigatoriamente contém suas histórias e ensinem suas culturas para que as próximas gerações possam aos poucos diminuindo essa discriminação ideológica e existencial que ainda impera sobre essas populações.

Quando aqui conclamamos epistemologias africanas para pensar o Brasil, e um Brasil sobretudo negro e indígena, queremos revitalizar a compreensão ou autocompreensão que possamos ter em referência a nos libertar dos padrões e ideias depreciativas que foram impostas sobre nós, que por vezes nos fazem sentir estrangeiros em si, ou estrangeiros em nosso próprio país.

E estamos caminhando na construção dos sentidos ontológicos, do 'Jus postulandi'⁴ coletivo de ressignificação dos saberes, nós sobretudo brasileiros de etnias diversas fomos instituídos pelos aparelhos ideológicos e entre eles os principais: a Igreja e a Escola, dentro de uma construção currículo-cultural por normas

⁴ Termo jurídico em latim que significa autodefesa.



e padrões ocidentais que negaram os conhecimentos diaspóricos e indígenas, monoculturalizando todos os sentidos.

‘Epistemologias Africanas’ anuncia nos dizeres de Mariana Bracks (p.15), uma força auxiliar nas diversas disposições ao longo dos tempos de revisitar os conhecimentos populares e ancestrais, seja no movimento da diáspora para o continente africano como retorno, ou seja do continente para a diáspora como reinício, na busca de uma descolonização mental dessas amarras simbólicas ou não, que os conhecimentos normatizadores acabaram construindo na nossa potencialidade ancestral de interpretar, rever e direcionar para outros mundos possíveis. Força que ela mesma recorre a Ngũgĩ wa Thiong’o⁵ importante intelectual queniano que intensifica o debate de descolonização através do resgate do aprendizado das línguas autóctones e assim recuperar conjuntamente a carga cultural e social que pode se adquirir através dela.

Assim como podemos recorrer a uma reinterpretação da Revolta dos Malês, ao termos conhecimento da chegada da geomancia conjuntamente a essas populações, e a importância de se conhecer as múltiplas informações contidas nas cosmo percepções afrobrasileira e islâmica. O universo de sentidos que os oráculos podem revelar através de suas leituras, e ao mesmo tempo contextualizar como as nações diaspóricas se resignificaram na construção multirreligiosa durante a colônia, deixando vestígios para uma arqueologia nos sentidos Anta Diopianos⁶ de reelaborar a história, como presume Mohammed Yassin.

A melhor forma de contrapor todos os símbolos coloniais, é ser quem se é, e a essência e resistência dos escravizados foi e ainda é a oralidade. Foi porque o letramento ocidental era impossível e proibido em tempos de cativeiros, e para compreender isso precisamos revisitar a filosofia africana, e esse é o convite que Antônio Filogênio e Eumara Maciel nos fazem. Trazendo do centro-oeste africano as elaborações de Amadou Hampâté Bâ, um tradicionalista e filósofo do Mali que possui notoriedade sobre as tradições orais além de ter sido membro no conselho executivo

⁵ Que nas vésperas dessa resenha acabou ancestralizando, partindo em 28 de maio de 2025

⁶ Importante intelectual senegalês, Cheikh Anta Diop, que através de datações de carbono reconstrói a historicidade sobre o Egito e sobre o continente africano.



da UNESCO, revisitar essas compreensões africanas para reelaborar e sintetizar o universo afro-indígena no Brasil, ou como quer Eumara ‘tecer’ um recomeço de identidade por via da historicidade ancestral.

Para esses ‘recomeços’ pode ser necessário como nas propostas de Alpha Oumarou; Paul Diedhiou; Zacarias Milisse; Dulcídio Cossa; Dadie K. ; Chika C., imergir nas relações socioculturais em África contemporânea que ainda reserva um diálogo atemporal com as simbologias ancestrais, e que como frescor da terra após uma chuva, brota intencionalidades descoloniais seja na literatura, no hip-hop, na ritualística e parentescos ou nas canções locais

Essa organização de debates, é na verdade um chamado para um verdadeiro olhar interior, o eu aqui diaspórico que busca sentidos, podendo se olhar e verificar o que ainda em si há de África e como isso o coloca como força espiritual e material de contraposição ao verbo colonizador. E também o eu lá e aqui em África, que sempre pode olhar para si, mas que se fortalece com a diáspora e consonante pode reverberar as diversas compreensões desse eu que se torna Nós.

É assim bem composto e estruturado, que Mariana Bracks, Dulcídio Cossa e Aboua Kumassi (Mohammed Yassin) organizaram esse xirê de palavras ditas e que foram escritas, num encontro intercontinental e transnacional para o fortalecimento de novas percepções sobre as diversas formas de produção de conhecimento, através de epistemologias africanas. Ir para voltar!

E nesse caminho que Belchior nos indicou no início, que construímos caminhando, nos olhamos no reflexo do espelho de Oxum e nos vemos, e assim entendemos como na continuidade da canção:

Vida agora eu te conheço
Calma! A tudo eu prefiro a minha alma
E quero que isto seja o meu brilho
E meu preço